

REGISTROS PALEOAMBIENTAIS: A HISTÓRIA DA PAISAGEM PRETÉRITA EM SUB-BACIAS HIDROGRÁFICAS DO RIO SAPUCAÍ, SUL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Thomaz Alvisi de Oliveira¹

Alguns autores têm desenvolvido a ideia da expansão e fixação de tipos vegetacionais no contexto da região Sudeste do Brasil durante a vigência das glaciações e retração das mesmas nos períodos interglaciais, com base na análise e interpretação dos registros biológicos e morfológicos constituintes da paisagem atual.

Dentre eles destacam-se Aziz Nacib Ab'Saber, Helmut Toppmair e Adler Guilherme Viadana. Este último desenvolveu pesquisas no estado de São Paulo, que culminaram com a aplicação da Teoria dos Refúgios Florestais para aquele estado.

As glaciações Quaternárias não afetaram diretamente a porção sudeste do território nacional, porém foram responsáveis pelo afastamento da linha de costa, com conseqüente diminuição da umidade nas áreas interioranas sob domínio das massas oceânicas. Às fases glaciais seguiram-se períodos interglaciais, marcados pelo aumento da temperatura e subida do nível marinho.

Em resposta às alterações climáticas houve uma reorganização da paisagem natural, com expansão de alguns tipos vegetacionais e retração de outros e aparecimento de feições deposicionais características de climas mais secos, com estiagem prolongada e chuvas concentradas.



Foto 1: As bacias hidrográficas do ribeirão das Anhumas, Piranguinho dos Antunes e Piranguçu são tributárias diretas da bacia hidrográfica do rio Sapucaí e inserem-se no contexto geomorfológico da Serra da Mantiqueira, sul do estado de Minas Gerais. Os terrenos correlatos a essas áreas apresentam registros paleoambientais de interesse relevante para a Biogeografia e para a Geomorfologia e, possivelmente, estão relacionados à vigência de climas pretéritos diferentes do atual. Autor: Thomaz Alvisi de Oliveira (2008).



Foto 2: Em algumas áreas retratadas por porções mais íngremes, onde a camada de solos é ínfima e a condição rupestre é dominante, uma paleovegetação cactácea tem sido notada, integrada à vegetação Ombrófila Densa, que vem se expandindo na área desde o holoceno médio. Considera-se a mesma como registro da atuação de fases mais secas em decorrência dos períodos glaciais. Autor: Thomaz Alvisi de Oliveira (2008).



Foto 3: Possivelmente, ante o aumento da umidade e melhor distribuição das chuvas no holoceno, com a gradativa reaproximação da linha de costa, essa vegetação teria se retraído e buscado refúgio junto a essas áreas, dadas as condições aí estabelecidas. Autor: Thomaz Alvisi de Oliveira (2008).



Foto 4: Aliados às informações vegetacionais, outros registros permitem uma análise mais interessante e conferem maior credibilidade às considerações aqui discutidas.

Feições deposicionais em forma de leque avultam a ocorrência de fluxos de torrente, com grande quantidade de sedimentos carregados pelo escoamento de superfície, em consequência de precipitações volumosas de curta duração, característica de climas tropicais com estiagem prolongada. Em tempo pretérito, os fundos dos vales soterraram, auxiliando na extinção de algumas drenagens incapazes de remover o material entulhado, devido à diminuição do volume e à transformação do regime perene em temporário. Autor: Thomaz Alvisi de Oliveira (2008).



Foto 5: Depósitos de seixos parcialmente arestados corroboram com a ideia de arraste periódico, com intervalos longos de tempo e efetivado por fluxos pluviais de superfície, típicos da semiaridez. São encontrados ao longo dos perfis, com pequena inclinação direcionada ao fundo dos vales, e em posição subalterna a materiais coluvionares alóctones, específicos de climas tropicais úmidos. Autor: Thomaz Alvisi de Oliveira (2008).

Notas Finais

As informações aqui prestadas inferem possibilidades quanto ao estudo dos ambientes pretéritos, a partir dos registros ambientais gravados na paisagem atual.

Comprovam ainda a eficácia da análise integrada como método interpretativo da Geografia, aplicado ao estudo das paisagens atuais ou pretéritas.

O conhecimento dos processos atuantes no presente e a interpretação desses para se desvendar o cenário pretérito, ao qual pertenceram os terrenos atuais, vêm auxiliar no desenvolvimento científico em geral e na evolução das pesquisas vinculadas à organização espacial do território nacional.

Bibliografia consultada

AB' SABER, A. N. A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras. **Geomorfologia**. IGEO/USP, São Paulo, n. 41, p. 1-37, 1973.

TROPPEMAIR, H. A Cobertura Vegetal Primitiva do Est. de São Paulo. **Biogeografia**. IG/USP, São Paulo, n. 1, 1969.

VIADANA, A.G. **A teoria dos refúgios florestais aplicada ao estado de São Paulo**. Rio Claro: Ed. do autor, 2002.

Informações sobre o Autor:

¹Thomaz Alvisi de Oliveira – <http://lattes.cnpq.br/5073767259275511>

Mestre em Geociências e Meio Ambiente pela Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (2004). Doutorando do programa de pós-graduação em Geografia, área de concentração em Organização do Espaço, pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geomorfologia, atuando principalmente nos seguintes temas: análise ambiental, cartografia, mapeamento geomorfológico, caracterização de bacias hidrográficas e análise integrada do meio físico.

Contato: taogeo@gmail.com



CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem, Rio Claro, SP, Brasil – eISSN: 1980-654X – está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)